

upo das  
catecismo,  
veio, a  
que nos  
mos dado  
po e estás,  
as, torná-  
atro lições  
ue fizemos

rem feito  
s valores.  
a teve 18,  
5, a Con-  
de Fátima  
Edite e a  
Madalena  
reprovou.  
e tiveram  
receberam  
ão tinham  
já tinham  
ra ele e

contentes  
emos que  
ser outra  
em é que

que para  
rão dadas  
elo nosso  
ano, tanto  
os outros  
o mostrar-  
o Senhor.  
s obras e  
saber-se  
mprire os

ir o cate-  
Catequista

Fátima

RO

a gali-  
outros 4  
ela do  
ento?

X

tinha  
to. Mas,  
prepara-  
apanha-  
nala sem  
cheram-  
a! Ami-  
sem nar,  
e na  
apanhar  
lá vai  
, que no  
avia de  
de com-  
a tipo-  
ega ao  
ento. Na  
los em-  
abre a  
emalar  
os. E fi-  
, ante o  
s calcei-  
m tanta  
o ele se  
t não  
certo é  
cá, pior  
barata!

Santos

Rapazes



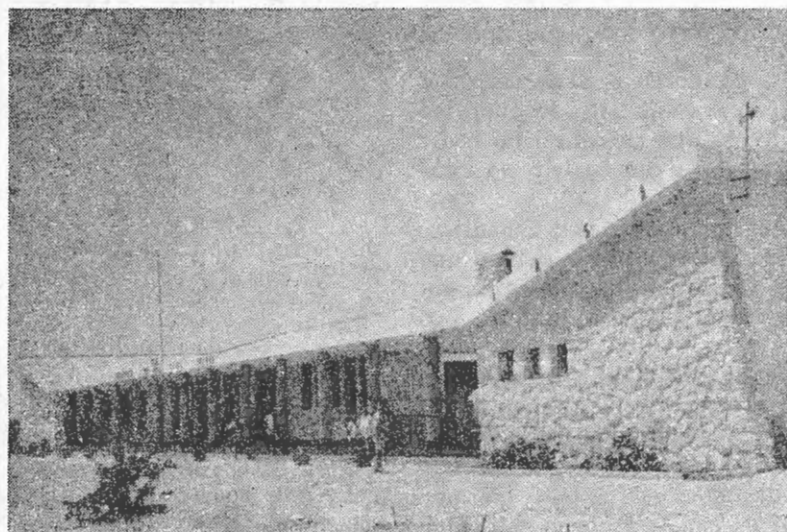
# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

18 DE JANEIRO DE 1964  
ANO XX — N.º 518 — Preço

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS  
FUNDADOR: Padre Américo  
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAR  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Fachada da actual casa

# Benguela

**L** EITOR-amigo: é preciso que comeces a conhecer os nossos passos. Os caminhos por onde andamos. As casas onde entramos, mais aqueles por quem nos afligimos.

Só assim é possível o nosso encontro. E temos necessidade de nos encontrar muitas vezes.

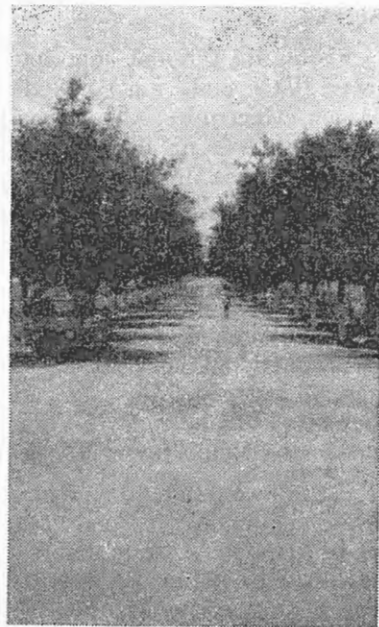
Em primeiro lugar para teu próprio bem. Precisas de sair muito de ti mesmo. De deixar de pensar só em ti e nos teus. Porque o egoísmo mata-te.

Torna-te jeroz. E traz-te constantemente irrequieto. Envelheces antes do tempo. E o que é pior é que não consegues ter paz e ser feliz. Nada te satisfaz. Quanto mais tens, mais queres ter e não importa por que meios. Uma preocupação te domina — ser rico, muito rico e deixar fortuna a teus filhos. Por isto, és capaz de esquecer tudo o mais. Até a tua origem divina.

Parece um paradoxo: teremos mais paz e seremos mais felizes na medida em que distribuirmos paz e felicidade. Falo-te da nossa experiência. Queres ver?

Estamos em vésperas de Natal. De vazia que estava a nossa Casa ficou cheia. Foi uma procissão de gente que veio trazer-nos suas lembranças. As caras dos nossos pequenos deixavam transparecer a alegria que lhes ia lá dentro. Eles assistiram à chegada dos amigos. Seus olhos fixaram-se nos mimos deixados em nossas mãos. A casa ficou cheia.

A nossa volta, porém, havia casas vazias. Havia mãos que ficavam sem nada. Havia olhos marejados de lágrimas. Sabemos, por experiência, que, na medida em que dermos, nessa medida recebemos também. Repartimos. Fomos a casa deles. A nossa Casa continuou cheia. As mãos dos Pobres também. E a nossa ceia de consouada foi em paz e alegria. Somos recoveiros dos Pobres. Pai Américo foi-o e legou aos seus Padres essa herança preciosa. Não nos deixes nun-



Avenida de acesso à Casa, que já se chamava «Alameda Padre Américo»

ca ir de mãos vazias. Já sabes onde moramos.

Desta vez não fomos longe, nem tão pouco sòzinhos. Conhecemos uma grande multidão de almas jovens que sacudiram a cidade de lés a lés. Nada resistia ao seu entusiasmo. Os pais, as «grandes vítimas». E quanto gratos devem estar às suas filhas pelo bem que lhes fizeram ao fazerem violência às suas carteiras para repartirem um pouco por quem nada tinha. As alunas do Colégio de N.ª S.ª da Conceição acalentadas pelo carinho de suas Madres foram as grandes heroínas do nosso Natal. Que bem e que alegria não terão recebido para si ao darem aos outros.

Pouco passava das 6 horas da manhã. Em Angola, o dia começa cedo. O despertador deu sinal e todos «à uma» se lançam em correria em busca de água para se lavarem. Desde terça-feira, véspera de Natal, que não temos

Continua na Terceira Página

# Cantinho de MALANJE



Por  
PADRE  
TELMO

## AGENDA

Dia 17/11

Chegámos à meia noite. Os mais velhos já dormiam. Vieram abrir e entrámos na nossa casa. Na mesa, bolo, queijo e abundância. «Coisas que nos deram». A alegria de todos, por nos sentirmos tão bem recebidos pelas pessoas de Malanje, fez, dentro de nós, dia claro.

18

Culamuxito: Saboreámos com deslumbramento o abandono selvagem das avenidas, das árvores, das casas, das matas, dos macacos e da nossa lagoa — que nos encheu de paz... e da bica de água — que nos deu esperança.

20

Começou o nosso trabalho. Limpar as avenidas, fazer bangas, capinar o café.

25

O «Laranjinha» teve saudades de Paço de Sousa. Foi no Ti Joaquim, no «Chinês», no «Quim Pangudo».

Saudade é amor que se cede, inesgotavelmente. Todos nós temos de todos os nossos irmãos — gaiatos, senhores e padres.

26

Os sacerdotes daqui têm do como pais para nós! Hoje veio um com um grupo de horas e meninas trazer o produto duma coleta que fizeram na cidade. Oito contos e trinta de mercearia, carne, frutas e hortaliça e tanta coisa.

2/12

Mibangas são lombos e pedregalhos de terra cavada onde se plantam as sementes. plantámos batata, feijão, milho, vilha e couve. Já deram os frutos: o trabalho — não fruto mais precioso — e o nosso carinho... pela terra que nós cavamos.

4

Ora calhou de encontrarmos na quinta dois enxames buliçosos. Neca enfiou a mão no saco — um saco de plástico — as luvas, o fato de macaco armado em marciano, aí fui eu. Eu, armado em anjinha, fui à Emília pedir duas grandes cafeteiras pró mel. Que grande barrete! Fernando estava de longe mortinho a ver favos pra se cravar... Como só havia cera, passou o tempo a xingar-me.

8 — dia da Mãe

Não mandámos postais às nossas mães, mas elas estiveram presentes nos nossos pensamentos. Sentimos bem a presença delas. Continua na Terceira Página

# Africa

«Naquele tempo», ao regressarem da missão a que foram enviados dois a dois, os discípulos vinham exultantes pelas maravilhas que haviam testemunhado, operadas por suas mãos pecadoras e pelo acolhimento que lhes fôra feito.

Assim tem sido com os nossos padres. Enquanto em Benguela, recebi notícias de Padre Telmo, muito significativas atendendo à sobriedade do seu estilo. Desde que em Malanje, é Padre Manuel António quem me enche das doguras que o enchem de confiança para as dificuldades e lutas que hão-de vir. Querem ouvi-lo?

«Venda do jornal — Um sucesso! Os 200 jornais venderam-se em Benguela, no sábado, em cerca de 2 horas. Um sucesso! Os três vendedores são um fenómeno! E o Manel da Creche?... Dele disse-me uma senhora que lhe não pôde resistir à simpatia: «Vocês mandaram para a rua uns rapazes tão simpáticos que conquistaram toda a gente!» Nem forau no domingo às Igrejas. Foram aos Bancos e às Casas comerciais e recebidos com muita simpatia. Domingo estive na Catumbela e os 100 foram vendidos num ápice. O Lobito nem provou. Resultado: um pedido para Paço de Sousa de reserva de pelo menos 600. E vão todos! E não chegam! Disse ao Júlio que mandasse de avião, que o Senhor Padre Carlos ia dar ordem. Escreva a dizer que sim!»

Ora aqui é que está o busílis!

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

# VALES DO CORREIO

Durante a época do Natal e Ano Novo, o correio duplica e, por vezes, triplica, graças a Deus. É já uma tradição, aliás; pois a maior parte dos nossos Amigos prefere «desobrigar-se» nesta quadra festiva.

Um dia destes, porém, logo após a abertura do correio no escritório de Pai Américo, Manuel Pinto — o nosso «tesoureiro» — chega ao da Tipografia, de correspondência na mão e com um ar diferente do habitual.

— Que é que foi?, perguntei.

— Diz ós senhores, lá no jornal, que façam o favor de não mandar vales pagáveis em Paços de Ferreira — mas em PAÇO DE SOUSA! Senão, causa-nos muita diferença.

— É já no próximo Famoso, atalhei.

— Anda; pede também ós senhores funcionários dos C. T. T. mais cautelinha. Somos tão conhecidos nas estações dos correios!...

O Pinto desandou, com o mesmo ar grave. E eu, ruminando com os meus botões, fiquei também admirado pela confusão que ainda hoje se estabelece connosco, entre ambas as localidades. Mas esperamos que, futuramente, isso não aconteça — e toda a correspondência, e vales do correio, seja dirigida a PAÇO DE SOUSA.

E o Pinto ficará mais sossegado; e aliviado; e passará a mostrar, concerteza, um sorriso de boa disposição.

Júlio Mendes



# A

NTES de continuar a nota de presenças que já vem do número anterior, quero retribuir, reconhecidamente, os cumprimentos de Boas-Festas e agradecer as palavras de estímulo que nos foram dirigidas, pelo quinto aniversário de «Belém».

Sim, apesar do nosso tão prolongado silêncio, não fomos esquecidas, antes o facto serviu para provar, uma vez mais, o interesse com que os primeiros passos da Obra são acompanhados por tantos e tantos.

Ouve quem ficasse preocupado com a nossa falta de notícias, quem estranhasse e até quem ralhasse...

Por tudo, que Deus seja louvado!

O motivo dos nossos silêncios, Senhoras e Senhores, tem sido sempre o mesmo: falta de tempo e também de energias que cheguem para tudo. Confesso ainda que eu cansei de pedir sempre o mesmo e que tive a impressão de que os leitores também iam ficando cansados de me ouvir.

Resolvi dar-me totalmente aos cuidados das Belenitas, da vida doméstica e do cultivo da nossa quinta e deixar que o ano de 63 chegasse ao seu termo. Creio que fez bem esta pausa, para agora recomeçarmos com mais vigor a batalha pró Casa-Nova.

Nós temos urgência de a pagar, Senhores! Antes disso nem lhe devemos chamar nossa. Temos problemas urgentes a resolver e adaptações necessárias a fazer, que estão dependentes do seu pagamento.

Que surpresas nos trará o ano de 64?

Que bom seria se chegássemos ao seu termo sem esta dívida... Se todos vós quisésseis, com a ajuda de Deus, o milagre verificar-se-ia. Ainda estamos longe, mas a fé transpõe montanhas...

Nota de presenças — Helena, de Lisboa, sempre presente com o seu vale de 500\$00. Maria Cecília e marido, de Braga, mais 100 além da quota mensal. Anónimo de Lisboa, sempre presente, e desta vez com 70.

Os 250 mensais do Casal de Viseu que teve a luminosa ideia de dar para Belém o valor duma casa do Património, porque as Belenitas são filhas dos Pobres que não têm casa e também precisam de ter a sua.

Da mesma cidade 40, mais 100, mais 40, mais 50 entregues em casa. 200 entregues no autocarro. Senhor Cônego de Viseu visita-nos com a família e entregou 300. Outra Benfeitora de Viseu com 500 e um casal amigo com 150.

Vale de 50 de A. Fernandes de Lisboa. 20 de uma Maria dos Sacrários Calvários. 50, em vale, do Avô dos 8 netinhos.

Visitas da Covilhã com 500, mais 100 e mais um corte de casaco. Gertrudes, de Lisboa, 100. Uma Inês da Lousã enviou 200. Maria José, do Porto, com 100. Ass. 31937 de Lisboa com 50. Roupas e brinquedos das três Marias do Barreiro.

Em louvor do nascimento de Deus Menino, duas de 20. De Cantanhede 20, com pedido de oração por alma da mãe. As Belenitas rezam todos os dias pelos seus Benfeitores.

Uma paroquiana das Antas quis visitar-nos e como não pôde mandou o custo da viagem e mais algum — 300. Do Arieiro, Coimbra, 50.

Dos Armazéns — Avenida António das Águas 50. O Centro Comercial das Beiras enviou uma peça de riscado, de

que muito precisávamos. Quem manda mais, para bibes e aventais? Podem ser retalhos.

Por intermédio do Senhor P.e Baptista, 200 de G. Pereira, de Lisboa e 500 de Senhora do Luço. Senhor P.e Baptista, peça aos seus incuráveis que rezem por «Belém». Do Alto do Calvário as orações chegaram mais depressa ao Céu.

De Moita do Ribatejo 50. Sim, os Benfeitores de Lisboa ou que lá vão podem depositar esmolas para Belém no Montepio, desde que declarem a que se destinam. O Senhor P.e José Maria fazia o favor de no-las mandar e esperamos do Senhor P.e Luis o mesmo favor.

Outra vez de Coimbra M. T. com 100. De Carminda do Porto 20. Palmira e Eduardo, um Casal que nos visitou este ano, enviou 100. Glória do Porto, com 500, «parte da gratificação do Natal».

Nota de 20 de Almalaguês. Outro tanto de duas Alices de Coimbra e também de P. Ribeiro, Porto. 100 duma ass. de Aveiro. Outro tanto de colega amiga de Lisboa. Outra de Serpa, também com 100, mais 20 duma irmã.

A Conferência de Maceira-Liz mandou roupas. O Rotary Club de Viseu entregou 4 cobertores, na véspera de Natal.

Do Governo Civil de Viseu, pelo Natal, 5 contos.

Feitas as contas, verificamos que podemos pôr de parte 18 contos.

Ficamos, pois, no ano de 64, com a dívida de:

477.000\$00  
—18.000\$00  
459.000\$00

Se todos vós quisésseis!...

INÊS

Casa das Belenitas — Viseu

# Ordins

Amigos, desta vez apetecia-me não falar convosco. É que estou cansado com o muito trabalho destes dias. Mas, como quero descansar na eternidade, jamais agora deixarei de gastar a vida, aplicando-a sempre no cumprimento do meu dever — expressão da vontade de Deus.



# O QUE NOS DÃO No Topal

Os senhores desculpem estes «maises» virem tão atrasados, mas nem sempre é possível incluir no pequeno espaço do nosso tão pequeno jornal, a referência a tudo que nos dão. E depois as nossas Casas são tantas, que se tem de equilibrar o Gaiato, não vá ele vir pesado demais.

De um antigo Missionário no nosso Ultramar, entregues à mão do nosso Padre Carlos, na Igreja dos Anjos, dez mil. E outro tanto mais quatrocentos e cinquenta do peditório em Colares. Na mesma altura, promessa de concentrados de tomate. Mais uma folha de assinaturas da senhora do Saldanha, que é amiga em extremo dos nossos vendedores. Meia dúzia deles, ao sábado, almoçam em sua casa. Um escolhe a ementa para a próxima quinzena. E todos sabem, que sempre que ali passam, mesmo que a Senhora não esteja, há uma porta aberta, uma cara amiga e uma merenda farta. É sempre assim aos Domingos de venda. E prendas, que eles vêm mostrar todos contentes, quando acontece algum fazer anos...

Do Sr. Embaixador O. Pires do Rio e Isaura e M. H. com cada e outro tanto. Ainda outros assinantes com 50, 60 e 20. Visitantes com 20\$70. Do peditório em Peniche vieram 3.057\$00, mais o desejo enorme que trouxemos no peito, de que Deus dê melhor saúde ao seu querido Pároco. De M. Gabriela vinte, mais duas camisolas. Da Rodrigo da Fonseca, duzentos. Mais visitantes com 50 e 20. E 40 de quem nos visita muito amiúde. 250\$ de M. S. C. Da Senhora do Estoril 870\$00 e de uma promessa com e mais para o Calvário e Património.

Amigos, os grandes amigos da Mobil com 2.093\$00 referentes a Junho e Julho. E quinhentos dum aumento de ordenado. Peditório em Oeiras 4.474\$30 além de muita simpatia do Pároco e de quem nos recebeu em Casa.

Uma vitela dum Sr. Dr. de Caneças, e cem dos empregados das Encomendas Postais, da Rua da Palma, que tanto se lembram de nós no seu dia a dia de trabalho.

Mais da Mobil 695\$00, certamente dos empregados de

Luanda. Cem de R. Almeida, que todos os meses se desloca propositadamente a nossa Casa, para entregar a sua oferta.

De D. Joyce 50\$00 todos os meses.

De três Senhoras da Misericórdia de Lisboa 1.200\$00, mais um rapaz que nos trouxeram e vale muito mais, mas que continua perdido.

P.e José Maria

## Uma visita

Ela é de todos os anos e desde há muitos. É o casal que, religiosamente, se apresenta aqui ao nascer de cada ano, para connosco louvar e dar graças ao Pai do Céu por todos os dons recebidos — assistindo à Santa Missa e tomando do nosso café.

E lá se vão contentes e felizes, deixando, à despedida, os 24 contos do costume, para mais duas casas do Património dos Pobres.

Manuel Pinto

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

# POBRES

Já levava de Casa um companheiro, Seminarista dos Olivais. Estava no Lar o antigo «Zé da Lenha». Como tantas vezes acontecia a Pai Américo, ele pediu e foi também. Damos a mesma volta no Barredo, a começar pelo mesmo lado. A certa altura enganamo-nos na porta. Um engano nunca é ocasional. Procurámos a que teve o homem na cadeia. Por esta designação, aparecem, só num mesmo andar, vários casos. Entretanto há um homem que dá pela nossa presença, enquanto vamos a um cubículo duma de muitos filhos, e ele na cadeia. Ele implora que entremos na sua «casa». Tem uma filhinha de ano e pouco, no caixão. «Faz hoje oito dias que enterrei outro, que estava no hospital». A mulher, que estava ao pé, embala ao colo um recém-nascido. «Já nasceu depois do outro morrer». Têm mais outro ainda. «É uma miséria», chora o homem, que está desempregado. Ela a miséria está bem impressa no corpito da criança morta. Ele até quis levantar a roupa para vermos melhor. Vê-se na cara aflita do homem; lê-se no olhar fechado e heróicamente sustentado da mãe que está ao pé.

Para mais não tem quem lhe faça o funeral. «Tenho dois cartões e nem um me querem fazer», diz ele mostrando os ditos cartões duma Sociedade Funerária. «Nem tenho para chamar o Sr. Abade». Ele vê-nos, dois padres e arrisca: «Se os senhores fizessem o favor de lhe rezar aqui...» Como o meu companheiro levava um «Vade mecum», ali, os dois, perante o silêncio de todo o mulherio e crianças que se juntaram, rezámos religiosamente o que vem no Ritual para o funeral das crianças. Cometemos um erro jurídico e litúrgico. Certamente. Mas antes disso que nada. Acima de tudo o aliviar a alma daqueles pobres pais. Dialogámos os salmos em latim, porque não há ainda em português e na altura própria todos rezaram connosco o Pai Nosso. Afinal, Pai Nosso, fostes Vós que nos trouxestes ali, na tarde fria e sombria. Foi a Vós que pedimos alívio naque-

Pois Ordins continua a agradecer-vos os trabalhos que lhe mandais fazer, e nunca deixa de vos pedir que lhe façais sempre mais encomendas. Têm sido muitas, mas vós ainda não pedistes tudo. Esgotai-nos depressa o armazém, que as tecedeiras ficam todas contentes, quando têm de «serançar», para entregar o trabalho.

E, por hoje, ficamos por aqui; já sabeis porquê.

P.e Vieira

la dor. Nós invocámos o Vosso Nome e Vós já ali estavas há muito. Aquele corpito mirrado da criança. Aquele dor amarga da mãe e do pai; aquela aflição, aquele quase desespero do pai por não ter dinheiro para lhe levarem o filhinho ao cemitério, foi tudo caminho para Vós chegardes. E as nossas palavras, a presença de dois padres, manifestou-Vos àquela gente ansiosa de compaixão. O seu silêncio, só falais no silêncio, o seu agradecimento, vós provocais sempre acção de graças, disseram da Vossa presença. Saímos confortados por termos confortado em vosso Nome.

Da tia do nosso «Caracol», o marido já tinha partido, véspera de Natal. Em Casa do Sr. Vitorino, mesmo ao acabar a volta, um tropel por cima das nossas cabeças, traz-nos a notícia de que uma outra criança acabara repentinamente. Todos julgam que é a fome que vem, a doença que entra, a morte que passa. Mas sois Vós que andais por ali.

P.e José Maria

## Cantinho de MALANJE

Continuação da página UM

sença da nossa Mãe do Céu. Duma boa mãe que está em Luanda, 500 e seu filho outros tantos, e outro filho idem.

12 Fui dar com o Neca a escrever, a escrever... «Que carta comprida!» disse-lhe. «Não é carta, é a história da minha vida». Ora vejam, vamos ter romance. E esta do Fernando: deu-lhe agora para pendurar as chaves do tractor no frigorífico!

22 Chegou hoje a Malanje o Sr. D. Pompeu. Tem sido tão bom para nós! Pensou em tudo: casa, mobiliário, arranjo da fazenda, primeiras refeições na sua própria mesa.

24 Um cabrito, dois, outro, um cordeiro, um porco; galinhas e mais galinhas; ovos — dúzias e dúzias; — bolos, o que aqui vai! bacalhau, arroz, batata e queijo; nossos amigos do Banco trouxeram champã-

Continuação da página UM

Eu tenho para mim, e insisto, que a nossa presença em Angola, muito mais do que pela sua acção assistencial, vale pelo sopro de Espírito que a Obra é. Espírito de confiança sem limites em Deus, que é Pai, e não decepção na os filhos desejosos da glória do Seu Nome e da extensão do Seu Reino. Espírito de pobreza, que acredita que do dar de cada hora se colhe o receber de todos os instantes. Espírito de solidariedade, que nos ensina a saborear a nossa felicidade na comunhão da dos outros.

Que outro veículo serve melhor a difusão deste espírito do que «O Gaiato»? Por isso P.e Manuel rejubila: São precisos «pelo menos 600. E vão todos! E não chegam!» E eu regozijo-me tanto como ele.

Mas o busilis é o transporte por avião, que nos custa os olhos da cara. Custa a Paço de Sousa, que os nossos africanistas bem se avêm com o produtivo da venda do jornal! Por isso Padre Manuel, lembrando-se de que «com papas e bolos se enganam os tolos», bem tenta levar-me: «Conte com bananas, mangas, mamões, ananazes e todo o género de produtos desta terra!» Mas ele vai sabendo já que não é tanto o mar o que nos separa, como o abismo das complicações que os homens criam a dificultar as coisas simples, as trocas fraternais, em que o interesse comum contasse mais do que os interessezinhos de alguns. Por isso, adeus mamões e ananazes e bananas! Se as quiser em Paço de Sousa, teremos de as comprar, raquíticas e retardadas, a preço de ouro!

Não, Padre Manuel não me leva! Mas eu já dei ordem para que o jornal venha por avião, tantos quantos os precisos, embora esta medida nos dê prejuízo material... É o lucro espiritual!

nhe, bolos e carne, e mais, e já tinham trazido 500. De Brito Godins veio um senhor com doze deles para uma casinha do Património — belo! Da ↑ vermelha dois, da U nacional um; duns irmãos de caridade, num envelope discreto, 500. — «faz-lhes falta». «Nosso Senhor ajuda doutra maneira». Pois ajuda. Do Dundo por intermédio do Senhor Bispo, quatro. Duma menina de Lisboa que costuma vir muitas vezes, 20.

E tanta coisa mais! Não digo nomes. «Não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita; o teu Pai, que vê, em segredo te pagará».

Sentimo-nos comovidos e profundamente gratos. Que o Menino Jesus dê a todos muita alegria e consolação.

25 Senhor Padre Carlos passou o Natal connosco, e foi ele que fez as rabanadas. Que boas! Na Missa da meia noite, no meio dos outros fieis, beijámos o Menino. E com ternura, pensámos em todos os nossos.

# AFRICA

É o bem que «O Gaiato» pode fazer com as suas impertinências de *Desordeiro*; as transformações que pode operar com as suas manobras de *Revolucionário*; as lágrimas de consolação que pode fazer brotar com a sua simplicidade de *Famoso*! É esta a razão porque eu disse ao Avelino que sim, que mande depressa os 600 e os mais que forem necessários até que chegue!

Eu tenho pensado muito nestes tempos, e por entre as minhas andanças africanas, nas diferenças de critério entre o *homem económico* e o *homem espiritual*. Na hora que estamos a viver no nosso Ultramar, aquele acautela os seus interesses e retem-se: Transfere o que lhe deixam; conserva o que pode; e vai deitando as vistas por sucedâneos mais seguros, transitória e mais seguros — é fatal! Na hora que estamos a viver é o pobre quem investe, aquele que é pequeno demais para transferir e se transferir e que por isso se enraíza, se firma em ordem ao futuro, fomentando a única saída possível para o seu crescimento, disposto a todos os riscos, apegando-se mais à terra que lhe dá o pão — e seja o que Deus quiser!...

Não é de estranhar, pois, que esta seja a hora de também nós investirmos em Angola — a hora

dos Pobres, hora de deserção do Potentados!

Pesou, de facto, alguma coisa nas finanças das Casas do Gaiato metropolitanas, o arranque das suas jovens irmãs de Angola. Ainda mais do que nas finanças pesou nos recursos humanos do que dispusemos para as novas fundações. Fardo feliz, que levamos alegremente na contemplicação da nossa pequenina parte no estender do Reino!

Por isso acedi, pronto aos desejos de Padre Manuel António que são também os meus. Que o lucro material fique todo em Angola. Os frutos espirituais esses não são circunscritíveis: nenhum lugar; comunicam-se por toda a terra até ao último recanto onde haja um homem de boa vontade. Deus pagará com o seu, todo o esforço que, alegremente por ser por Seu amor, Paço de Sousa houver de fazer.

Mesmo sem ananazes, sem bananas, nem mamões...! E não deixaria de ser uma feliz notícia — que nós tomaríamos com graça — a resposta favorável que há três anos esperamos do TAP, quando, depois da minha primeira visita ao Ultramar, a sentir por cá a fome de «O Gaiato», lhes pedimos que colaborassem connosco no transporte do jornal, a bem da Nação.

## BENGUELA

Continuação da página UM

água em casa. O motor que a tirava avariou e de tal modo que o conserto não fica muito à quem de um novo. Outro motor que o havia de substituir avariou também.

Custou-me a adormecer nessa noite. Não foram os mosquitos. Nem o calor. Foi a casa sem água há três dias. A aflição dos cozinheiros. Os rapazes a pedirem água para beber e o filtro sem ela. E o banho? E o conserto dos motores? Custou-me a adormecer naquela noite.

«Passarinho» chama — «um Senhor quer falar-lhe». Nunca nos tínhamos visto. «Tome lá. Venho agora do trabalho e aproveitei este intervalo dos combóios para dar cá um salto». Eram 5 notas de mil mais 115 escudos. E mostrou-me uma lista das pessoas que deram. Quis saber quem era. Um Condutor dos C. F. B. Trazia ainda a farda do trabalho. Seu rosto espalhava alegria. O nosso diálogo teve de ser curto, pois o combóio esperava-o de novo.

Vi-o partir na bicicleta que o trouxe. Apeteceu-me beijar-lhe as mãos unidas com tamanha alegria e simplicidade. Que ma-

neiras de dar! Que encontros. «Que Deus lhe pague e venha um dia comer o caldinho connosco».

Ele foi-se e fui também celebrar Missa. Vivi momentos de euforia. Aquele encontro entrou em mim. Vi nele a resposta à aflição da noite anterior. Apalpei a presença do Senhor nesta Obra que é Sua.

Corri ao Lobito e comprei o motor. Faltavam ainda mais 5 notas de mil. Elas não-de vir e motor já veio. Queres ajudar? A vida da Obra da Rua é te cida desta maneira, desde o seu início. Sua alma a confiança total na Providência divina que não deixa ao abandono os lírios dos campos, nem as avezinhas do céu».

«Que Deus lhe pague e venha um dia comer o caldinho connosco».

A partir de 1 de Janeiro «Granja dos Rapazes» passou a ser de facto «Casa do Gaiato de Benguela». Partimos quase do zero. Isto quer dizer que precisamos muito da tua mão. Partite ajudar apresento algumas da

Continua na QUARTA página

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

